

M E M Ó R I A S
DO
I N S T I T U T O O S W A L D O C R U Z

Tomo 51

dezembro de 1953

Carlos Chagas, Diretor de Manguinhos

por

Henrique de Beaurepaire Aragão

Em consequência da morte de OSWALDO, em 1917, estabeleceu-se em Manguinhos o problema da sua substituição em caráter duradouro.

A princípio, quando OSWALDO se ausentava, seu substituto era FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS por ser o mais antigo, porém, depois da reforma por que passou o Instituto em 1908, a substituição do Diretor passou a ser feita pelos Chefes de Serviço e, na falta destes, por um dos assistentes, alternando-se mensalmente. Esta alternância nas substituições estabelecida por OSWALDO apresentava a vantagem de fazer com que aquêles que as alcançavam pudessem ir-se inteirando dos variados problemas administrativos do Instituto.

Não tínhamos dúvidas que a sucessão do Mestre viesse caber a um dos discípulos mais antigos, da primeira hora para bem dizer, e assim, sucedeu, escolhendo o Governo a CARLOS CHAGAS, discípulo dileto, que então ocupava o posto de Chefe de Serviço desde que ROCHA LIMA deixara o Instituto em 1910, para trabalhar em instituições científicas alemãs.

CARLOS CHAGAS possuía grandes credenciais para o posto para o qual fôra escolhido devido às suas valiosas atividades científicas em variados assuntos de parasitologia, profilaxia do paludismo e sobretudo, pela descoberta da tripanossomíase humana denominada Moléstia de Chagas.

Dirigiu os destinos do Instituto de 14 de fevereiro de 1917 a 8 de novembro de 1934, data em que veio a falecer súbitamente em consequência de um mal arterial que há algum tempo lhe minava a existência.

A personalidade de CARLOS CHAGAS era grandemente diversa da de OSWALDO, em virtude de ser dotado de um temperamento combativo, imaginação viva, e um espírito em constante vibração sempre pronto a defender com veemência e tenacidade suas idéias e teorias.

Era possuidor de palavra fácil e eloqüente sendo por isso muito apreciado seus discursos em congressos e conferências acadêmicas, assim como suas preleções nos cursos de Manguinhos e na Faculdade de Medicina na qual veio a ocupar, com brilhantismo a cátedra de Medicina Tropical. Integrou-se CARLOS CHAGAS rapidamente em sua elevada missão de conduzir a instituição perfeita e acabada que OSWALDO nos legara, seguindo fielmente os rumos com que seu criador a idealizara e orientara com tanto saber enquanto suas forças o permitiram e, obediente às acertadas normas e tradições, tratou logo de dar maior amplitude às atividades do Instituto, que OSWALDO desejara cada vez mais engrandecido e prestigiado.

Uma das suas primeiras iniciativas foi a de atrair para Manguinhos alguns elementos de valor já anteriormente comprovado e também outros mais jovens e menos experientes cujas qualidades para a pesquisa já se tinham revelado na feitura de teses e nos cursos de Manguinhos.

Entre elementos já categorizados selecionou com acêrto: EURICO VILLELA seu antigo companheiro em Lassance, professor e clínico de muito saber, que veio dirigir nosso Hospital de Doenças Tropicais, já em pleno funcionamento; JOSÉ CARNEIRO FELIPE, químico e físico de notável cultura e grande renome nos meios científicos nacionais; MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, fisiologista consagrado há muito no Brasil e no estrangeiro, por seus trabalhos originais e, finalmente, LEOCÁDIO CHAVES colaborador dos melhores de OSWALDO nas suas campanhas sanitárias no Rio e na Amazônia e igualmente um dos colaboradores de CHAGAS em Lassance.

Por ocasião da reforma do Instituto em 1919, LEOCÁDIO CHAVES passou a ocupar o árduo pôsto de Secretário do Instituto, cargo em que se manteve por 24 anos prestando ao Instituto os mais relevantes serviços de ordem geral, além de ter sido o substituto de Chagas em varias das suas ausências. Graças ao seu espirito equilibrado, tolerante, conciliador, e elevada cultura teve LEOCÁDIO em várias ocasiões uma ação tão útil quão decisiva para dirimir as dificuldades e solucionar os problemas da Diretoria, tanto de ordem interna como aquêles relativos ao Govêrno, muitas vêzes, bastante complexos, êstes, sobretudo depois de 1930.

Por suas excelentes qualidades, LEOCÁDIO CHAVES desfrutou sempre de grande consideração por parte de todos e, seus prestimosos serviços à boa marcha da Instituição, merecem os mais justos louvores aqui, e jamais poderão ser esquecidos.

Entre os elementos mais jovens admitidos por CARLOS CHAGAS no início da sua administração até 1921, contavam-se ANTÔNIO LUIZ DE BARROS BARRETO, OLYMPIO DA FONSECA atual diretor do Instituto, OSCAR D'UTRA E SILVA, CARLOS BURLE DE FIGUEIREDO, CÁSSIO MIRANDA atual substituto do diretor, ANTÔNIO DE ARÊA LEÃO, HERACLIDES CESAR DE SOUZA ARAÚJO, GENÉSIO PACHECO, CESAR PINTO, JOSÉ DA COSTA CRUZ, OSWINO PENNA, PAULO PROENÇA, ARMINIO FRAGA, HERBSTER PEREIRA e AROEIRA NEVES. Vários dêstes ainda trabalham dedicadamente no Instituto.

Em 1921 com a transferência do antigo Instituto Vacínico do Barão de Pedro Affonso para Manguinhos vieram fazer parte do nosso quadro de pesquisadores PAULO AFFONSO FRANCO, JORGE AFFONSO FRANCO, SILVINO PEREIRA, JOSÉ CARACAS e ANTÔNIO PINHEIRO DE ULHOA CINTRA êste último conceituado discípulo do Instituto Bacteriológico de São Paulo e diretor por algum tempo do Instituto de Butantan. Dêste grupo só ficaram no Instituto os dois irmãos Franco, sendo os demais designados para trabalhar como técnicos do Instituto Bacteriológico da Saúde Pública, repartição reorganizada por CARLOS CHAGAS ao tempo em que foi Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Em 1924 foi contratado para trabalhar em Manguinhos um elemento muito valioso o DR. ERNESTO DE SOUZA CAMPOS, formado em São Paulo, que se especializara nos Estados Unidos em assuntos de Bacteriologista e Patologia, ramos em que se aplicou com notável sucesso em nossos laboratórios. Deixou o Instituto para assumir a Cadeira de Bacteriologia da Faculdade de Medicina de São Paulo fazendo alí também brilhante carreira em atividades ligadas ao ensino e especializando-se em problemas hospitalares e assim grangeando as credenciais que o elevaram à pasta de Ministro da Educação e Saúde, em 1946, no exercício da qual prestou relevantes serviços a Manguinhos.

Além dos elementos acima citados ingressaram ainda no Instituto no período sob a direção de CHAGAS de 1926 a 1933, JOSÉ GUILHERME LACÔRTE, ÁLVARO LEITE LOBO PEREIRA, JOÃO CARLOS NOGUEIRA PENIDO, ARCHANJO SOARES PENNA DE AZEVEDO, THALES CESAR MARTINS, JOSÉ DE CASTRO TEIXEIRA, BENTO OSWALDO CRUZ, ANTÔNIO XAVIER, EVANDRO CHAGAS, GILBERTO GUIMARÃES VILLELA, EMANUEL DIAS, FÁBIO WERNECK, WALTER e OSWALDO CRUZ FILHO, GILBERTO DE FREITAS, CARLOS CHAGAS FILHO e o experimentado biologista GUSTAVO DE OLIVEIRA CASTRO que já trabalhara no Instituto Biológico de São Paulo e no Instituto de Biologia Animal do Ministério da Agricultura.

Com estas aquisições feitas ao tempo da administração CHAGAS, ficou a equipe de técnicos do Instituto bastante aumentada e com elementos de valor, como se pode verificar pelos trabalhos que têm realizado nas diferentes especialidades que adotaram, assim como no desempenho de trabalhos práticos de interêsse para a Instituição.

Em conseqüência da orientação de CHAGAS foi o Instituto se engrandecendo cada dia e prosseguindo sempre firme na senda que lhe fôra traçada pelo seu fundador.

Em fins de 1918, foi CHAGAS nomeado Diretor Geral de Saúde Pública e, da mesma forma que OSWALDO, continuou a orientar Manguinhos com o mesmo interêsse e zêlo pelo seu desenvolvimento. À testa da Saúde Pública, CHAGAS realizou logo uma ampla reforma dos serviços sanitários, cujos benéficos efeitos ainda hoje se fazem sentir tanto no que diz à melhoria das condições sanitárias das populações das cidades como nas do interior do País, estas pela criação do Serviço de Profilaxia Rural que contou com a dedicação apostolar de BELISÁRIO PENNA. Deu CHAGAS ao Instituto Oswaldo Cruz, reestruturações técnico-administrativas cujas reformas expressas em novos regimentos dila-

taram larga e proficuaemente o âmbito das suas atribuições científicas e administrativas.

A sua primeira reforma feita em 1919 deu ampliações sôbre o regulamento de 1908 que permitiram a incorporação definitiva na Repartição, de diversos técnicos, alguns dos quais já trabalhavam no Instituto como contratados.

Por essa reforma o corpo de técnicos efetivos ficou constituído por 1 diretor, 6 chefes de serviço, 9 assistentes, 7 sub-assistentes e 1 secretário, havendo além dêsses técnicos 64 servidores administrativos e auxiliares.

As verbas concedidas então para o pessoal e material eram de 565 contos de réis, dispondo ainda o Instituto de uma renda própria de cerca de 600 contos de réis, provenientes da venda de produtos da qual o Diretor podia dispor livremente. Não era muito, todavia bastava razoavelmente para nossas necessidades, em face do padrão de vida, na época.

Pelo regulamento de 1919 ficou afeto ao Instituto um serviço de medicamentos oficiais, que cuidava especialmente da manipulação de sais de quinina para a profilaxia do paludismo e do tártaro emético para o tratamento da leishmaniose.

Em novembro de 1926 o Instituto teve outra reforma dando-lhe novas ampliações das atividades, passando o quadro de seus técnicos a ser então constituído por 1 diretor, 7 chefes de serviço, 24 assistentes e 1 secretário e na administração e serviços auxiliares 64 servidores, além de vários técnicos e auxiliares contratados pagos pela renda proveniente da venda de produtos, que orçava então aproximadamente em mil contos de réis. Nesta reforma aparecem indicadas algumas das futuras seções científicas do Instituto, em número de seis:

1. Bacteriologia e Imunidade, 2. Zoologia Médica, 3. Micologia e Fitopatologia, 4. Anatomia Patológica, 5. Química e 6. Hospitalar.

O Instituto Vacinogênico que fôra incorporado em 1920 a Manginhos foi anexado à seção de Bacteriologia e Imunidade que naquele tempo se ocupava também de vírus.

A reforma de 1926 trouxe a melhoria geral dos vencimentos e, as verbas concedidas pelo Govêrno ao Instituto ascenderam a 1 370 contos de réis, o que aliás não era excessivo pois a elevação dos preços de todos os materiais após a terminação da primeira guerra mundial, exigia êsse aumento para o equilíbrio das nossas despesas.

Finalmente, na administração de CARLOS CHAGAS, houve ainda uma última reforma, em maio de 1931, durante o Govêrno do Dr. GETÚLIO VARGAS, passando o Instituto a constituir um departamento, o Departamento de Medicina Experimental, subordinado ao então recém-criado Ministério da Educação.

Êste Departamento teve amplas atribuições em matéria de investigação científica que não puderam todavia ter o necessário desenvolvimento porque as dotações orçamentárias não aumentaram em corres-

pondência com as atribuições conferidas, havendo o Governo dois anos mais tarde extinguido essa organização, em 1933, voltando assim o Instituto a ser, como antes, uma repartição diretamente subordinada ao Ministério da Educação e Saúde.

A reforma de 1931 criou mais uma seção em Manguinhos, a de Fisiologia, que ficou sob a direção de MIGUEL OSÓRIO, sendo também muito ampliadas as atribuições da Filial de Belo Horizonte então sob a competente e dedicada direção de OCTAVIO COELHO DE MAGALHÃES, desde o falecimento de seu fundador EZEQUIEL DIAS, em 1922. Mais tarde, esta filial tornou-se um Instituto autônomo com a denominação de Instituto Ezequiel Dias em homenagem ao seu dedicado organizador e diretor, por tantos anos.

Pela reforma de 1931 foram criados títulos honorários de professor do Instituto Oswaldo Cruz tendo sido êstes conferidos aos seguintes técnicos considerados fundadores, ainda em atividade no Instituto: CARLOS CHAGAS, FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS, CARDOSO FONTES, ARTHUR NEIVA, HENRIQUE ARAGÃO, ALCIDES GODOI e GOMES DE FARIA. Em maio de 1919 CARLOS CHAGAS havia fundado mais uma filial do Instituto, esta em S. Luís do Maranhão, encarregando de organizá-la e dirigí-la CÁSSIO MIRANDA que, durante 16 anos estêve à sua testa, com a mais eficiente atividade. Mais tarde, em 1930, como a de Belo Horizonte, se tornou esta uma organização independente sob a administração estadual.

Fiel às tradições do Instituto, CHAGAS deu sempre a maior atenção ao estudo das nossas endemias rurais não só mediante investigações procedidas no Hospital de Manguinhos e no centro de pesquisas da Moléstia de Chagas, em Lassance, como promovendo numerosas excursões ao interior do país. Assim enviou LUTZ, SOUZA ARAÚJO e OLYMPIO DA FONSECA para uma longa excursão à zona do Rio Paraná, até então não explorado, aproveitando-se os membros dessa missão para estenderem suas atividades até o Paraguai e a Argentina.

Outra grande viagem de estudos foi realizada por OLYMPIO DA FONSECA e JOÃO CARLOS NOGUEIRA PENIDO ao Estado de Mato Grosso e pelas zonas bastante inhóspitas do Chaco Boliviano, por ocasião da exploração inicial da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia e LUTZ e OSWINO PENNA fazem ainda uma exploração nos Estados Nordestinos de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Além destas expedições científicas, que foram as principais, várias outras se efetuaram nos Estados de Minas, Bahia, São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, etc.

De tôdas estas, bem como das realizadas ao tempo de OSWALDO, advieram dados muito preciosos sôbre a nosologia regional brasileira, além dos fartos materiais parasitológico, entomológico e outros que vieram enriquecer as coleções do Instituto e de cujo estudo resultaram numerosos trabalhos.

Acusaram grande desenvolvimento na administração Chagas as seções de Química e Fisiologia, assim como a de Leprologia confiada a SOUZA ARAÚJO, que durante cêrca de 30 anos continua trabalhando

sobre este assunto com muita dedicação e grande produtividade. Sob os auspícios da Liga das Nações, e com valioso auxílio do benemérito brasileiro GUILHERME GUINLE e do Governo Federal, instalou-se no Brasil um Centro Internacional de Leprologia, incumbindo-se Manguinhos de uma parte das suas atividades, especialmente relativas às pesquisas de laboratório e de preparo de produtos anti-lepróticos.

Esteve nessa ocasião por cerca de dois anos no Instituto, em 1932, o químico americano COLE cuidando do preparo de ésteres de chalmogra e şapucainha, tendo como assistente o Dr. HUMBERTO CARDOSO, também químico.

Ambos realizaram sobre o assunto numerosas investigações e publicaram diversos trabalhos originais.

Tendo regressado à América o químico COLE, o Dr. HUMBERTO CARDOSO foi convidado, logo após, pelo Governo da Colômbia, para organizar naquele País amigo um laboratório para o preparo de ésteres de chalmogra e finda sua missão voltou às suas atividades no Instituto.

Outra seção que muito se ampliou na direção de CHAGAS foi a de Micologia, tendo sido enviado à Europa e aos Estados Unidos o Dr. OLYMPIO DA FONSECA, que à sua volta organizou e chefou durante longo espaço de tempo a seção, dotando-a de uma das mais ricas coleções de cogumelos, não só em espécies estrangeiras como de espécies isoladas e estudadas em Manguinhos.

Além desses serviços, praticamente novos no Instituto, cuidou CHAGAS, ao tempo da sua direção, de ampliar outros já existentes como o de Anatomia Patológica, hoje entregue a direção do nosso grande patologista MAGARINOS TORRES e no qual trabalhou por três anos o Anátomo patologista americano BOWMAN CROWELL, que muito concorreu para o seu desenvolvimento; o de Protozoologia dirigido por HENRIQUE ARAÇÃO com a colaboração dos reputados especialistas ARISTIDES MARQUES DA CUNHA e JÚLIO MUNIZ; o de Entomologia começado por OSWALDO e continuado com a atividade proficiente de NEIVA, LUTZ, COSTA LIMA e CESAR PINTO; o de Helminologia iniciado por GOMES DE FARIA e desenvolvido por LUTZ, grande autoridade no assunto, CESAR PINTO e LAURO TRAVASSOS que se tornou, com o decorrer do tempo, Chefe da escola helmintológica; o de Bacteriologia que contava com os três mestres FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS, ALCIDES GODOY, CARDOSO FONTES e ainda com a competência de ASTROGILDO MACHADO, COSTA CRUZ, CESAR GUERREIRO e GUILHERME LACÔRTE.

Com o desenvolvimento que ia tendo o Instituto em 25 anos, aquelas construções grandiosas mandadas levantar por OSWALDO foram-se tornando insuficientes para os trabalhos; por isso CHAGAS mandou construir um pavilhão especial para a preparação da vacina antivariólica, novas cocheiras e oficinas e uma ampla construção em dois pavimentos para as seções de Química, Micologia e Bacteriologia, edifício ao qual foram superpostos mais dois andares em 1946.

À medida que o Instituto se ampliava, avolumava-se também sua produção científica abrangendo variados assuntos publicados, não só nas "Memórias" como em revista nacionais e estrangeiras.

Em 1928 foi criado um suplemento das "Memórias" destinado à divulgação mais rápida dos trabalhos. Não logrou longa duração este suplemento pois em 1930 deixou de ser editado voltando-se ao sistema de entregarem-se as pequenas notas a revistas científicas nacionais e estrangeiras.

Desde os últimos tempos da vida de OSWALDO que progressivamente crescia o número de estrangeiros que buscavam o Instituto para aperfeiçoamento cultural, assim como já o faziam os brasileiros, tornando-se esta concorrência cada vez mais acentuada. Os primeiros a virem foram os cientistas das repúblicas sul americanas: Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina, Peru, Chile, etc. Depois seguiram-se os europeus e norte americanos e, hoje em dia, há sempre em Manguinhos vários técnicos estrangeiros frequentando os cursos ou fazendo estágios nas diferentes seções, onde são sempre acolhidos com solicitude e agrado. Não raro também retribuimos estas permanências enviando nossos técnicos para um tirocínio ou afim de realizarem conferências em instituições científicas da América ou da Europa, firmando-se desta forma um intercâmbio cordial e eficiente para nossas relações culturais.

Durante a administração de CHAGAS houve duas oportunidades em que todo o Instituto se mobilizou por atender a graves situações de calamidade pública ocorridas no Rio de Janeiro.

A primeira deu-se por ocasião da mortífera epidemia de gripe em fins de 1918, no Rio, que causou cerca de 15 mil baixas em pouco mais de 2 meses, colocando a população em pânico e produzindo graves perturbações nos abastecimentos, nos serviços públicos e particulares, pois quase ninguém escapou ao mal sob uma forma mais ou menos grave.

Ao mesmo tempo que o Governo enfrentou com decisão os problemas públicos, os de abastecimento e os administrativos, entregou inteiramente a CHAGAS a solução dos assuntos relativos à assistência médica e hospitalar aos doentes.

Tôda a classe médica e numerosas pessoas de boa vontade, escapas à doença, ofereceram logo e espontaneamente sua colaboração e, graças a êsse nobre gesto de solidariedade humana, CHAGAS pôde não só atender aos muitos milhares de doentes pobres com vários hospitais de emergência espalhados por tôda a cidade como criar um eficiente serviço de assistência médica domiciliar.

Graças à ação rápida de CHAGAS em relação a assistência aos doentes, e à do Governo relativa aos abastecimentos e serviços públicos, a situação normalizou-se dentro em pouco após um período inicial cheio de angústias, numa cidade de cerca de um milhão e duzentos mil habitantes e com sua vida quase paralizada pela irrupção fulminante de um mal de uma capacidade de propagação até então desconhecida e de alta letalidade.

Nessa inesperada e tão funesta ocorrência Manguinhos não faltou ao seu dever.

A maioria dos técnicos foi servir nos hospitais mais trabalhosos dos subúrbios, permanecendo no Instituto alguns poucos nos seus laboratórios realizando investigações sobre a etiologia, a clínica e a terapêutica, e outros problemas referentes a êsse insólito mal.

Trabalhou-se então intensamente horas a fio, sem descanso, resultando dêsses porfiados estudos novos rumos para o problema da etiologia da gripe, pois ficou claro que o bacilo de Pfeifer não era senão um germe de associação secundária na evolução do mal e apontada a sua natureza de moléstia produzida por vírus, depois amplamente confirmada em outros laboratórios nacionais e estrangeiros.

Passada a tormenta, todos os que haviam tomado parte tão ativa e eficiente na sua debelação e estudo voltaram aos seus afazeres, satisfeitos com o dever cumprido nesse momento calamitoso da vida da nossa Pátria.

Outro grande surto de excepcional atividade em Manguinhos se verificou durante a invasão no Rio de Janeiro da febre amarela, em 1928, após 20 anos da sua extinção por OSWALDO CRUZ.

Havendo-se restringido excessivamente os serviços de combate aos estegomias, por medida de falaz economia, não obstante os avisos dos responsáveis pela Saúde Pública e, estando a cidade inçada dêsses mosquitos, foi fácil ao mal, uma vez chegado por via desconhecida, expandir-se e perdurar por quase dois anos, estendendo-se ainda a núcleos urbanos dos Estados do Rio, Minas e São Paulo.

Quase todos em Manguinhos, obedientes à velha tradição da nossa Casa, lançaram-se ao estudo do mal em seus vários aspétos ainda bastante desconhecidos.

Trabalharam todos com muito entusiasmo retornando àqueles longos horários da era oswaldiana, que se estendiam desde a manhã até altas horas da noite com pouco tempo para descansar.

Foram então investigados os mais variados problemas científicos e práticos relativos à febre amarela: clínicos, patogênicos, anátomo e histo-patológicos, urológicos, hematológicos, terapêuticos, químicos, biológicos, imunológicos, a evolução do vírus nos mosquitos, as infecções experimentais em animais sensíveis e à vacinação.

De todo êsse labor intenso feito com grande entusiasmo resultaram numerosas verificações originais entre as quais: a presença do vírus nas células hepáticas, a transmissão da moléstia a macacos brasileiros e estrangeiros, aspétos clínicos patogênicos e urológicos novos, a penetração do vírus pela pele intacta, a baixa do complemento de acôrdo com a gravidade do mal, a circulação do vírus nos macacos, a presença do vírus no hemolinfa e nas fezes dos mosquitos, a infecção dos carapatos com o vírus amarílico, a vacinação humana, o diagnóstico pela prova de proteção, a derrocada do *Bacillus hepatodistroficans*, suposto agente da moléstia, e várias outras descobertas importantes.

Viveram-se em Manguinhos dias inesquecíveis e mais uma vez o trabalho conduzido com entusiasmo se revelou um fator preponderante para o sucesso das investigações científicas.

Debelado o surto de febre amarela, alguns pesquisadores ainda continuaram a investigar o assunto e os demais voltaram às suas fainas habituais, todos com a consciência de haverem, mais uma vez, se esforçado por bem servir à Casa de OSWALDO.

CARLOS CHAGAS pela descoberta que fizera, e pela sua grande personalidade, desfrutou sempre de grande prestígio nos meios científicos nacionais e estrangeiros.

Recebeu numerosas condecorações de governos europeus e sul-americanos e presidiu a numerosos Congressos científicos.

Foi representante do Brasil na seção de Higiene da Liga das Nações e recebeu o título de professor "honoris causa" de diversas universidades européias e americanas, além dos de membro de honra de academias científicas de diversos países.

Em 1930 está no ponto culminante da sua brilhante carreira.

A partir porém de 1931 sua vigorosa constituição física começa a declinar em virtude de uma persistente hipertensão, da qual só têm notícias seus íntimos e também da qual não cuida muito, absorvido pelos seus afazeres.

Por outro lado, com a mudança de regime de Governo no Brasil, pessoas da sua maior afeição foram afastadas dos seus postos, o que muito o afetou.

Êle próprio julga não se achar nas boas graças do Governo. Há boatos que se pensa em dar-lhe um substituto estranho a Manguinhos, o qual seria o Professor SÉRGIO MEIRA. Êste todavia era um homem dotado de tão grande coração quanto de caráter e, depois de conversar com um amigo que o esclareceu sobre a situação, o assunto caiu no esquecimento, escapando Manguinhos de uma crise que seria das mais funestas às suas normas e tradições.

Nessa ocasião todos os que tinham amor ao Instituto cerraram fileiras em torno do Diretor num movimento de sincera solidariedade que não se traduziu por palavras nem declarações porém que êle comovido bem sentiu e apreciou.

Felizmente êsse momento de incerteza foi fugaz e CHAGAS pôde continuar dedicando-se ao Instituto, somente mais retraído nas suas relações com o Governo, nas quais era suprido por LEOCÁDIO CHAVES com a sua inigualável dedicação aos interesses do Instituto e do seu Diretor.

Tôdas essas e outras contrariedades influíram muito provavelmente sobre a marcha da sua moléstia e foram-no abatendo.

Os que estavam freqüentemente com êle no Instituto, não notavam com clareza os progressos do mal, porém um médico estrangeiro em visita a Manguinhos, em princípios de 1934, depois de uma longa ausência, repara na fisionomia abatida de CHAGAS. Êste melhor do que ninguém conhecia o seu estado e, um dia, diz calmamente a um técnico que indagava se estavam cedendo ao tratamento umas manifestações alérgicas que apresentava nas mãos: "Isto aqui não tem impor-

tância, sou um homem liquidado”. Antes que o interlocutor tivesse voltado da supresa de uma tão inesperada declaração, CHAGAS já passara a outro assunto, fiel àquele pudor que têm os pesquisadores em comentar os seus males físicos, especialmente quando os sabem irremovíveis.

Infelizmente CHAGAS não se enganava, e a 8 de novembro de 1934 se extinguia bruscamente essa grande vida que tanto honrou a Medicina brasileira e a ciência universal, na qual para sempre seu nome ficará gravado.

Seus funerais foram feitos pelo Govêrno, e seus companheiros de Manguinhos, a Faculdade de Medicina e a Classe Médica brasileira em geral, prestaram-lhe as mais sinceras, honrosas e merecidas homenagens póstumas, sendo seu busto colocado em Manguinhos e também num dos jardins da Praia de Botafogo, no Rio, além de muitas outras manifestações com que seu vulto tem sido e continua a ser reverenciado e cultuado, no Brasil e no estrangeiro.

Manguinhos, Dezembro de 1952.